

# Editorial

A Revista E-Compós, em sua primeira edição de 2016, recebeu submissões de artigos que, além de refletirem temas e problemas de pesquisa acadêmica, compõem um quadro das reflexões sobre os grandes acontecimentos da pauta contemporânea nos vários segmentos da vida pública. O predomínio dos artigos que tomam o jornalismo como objeto de estudo é significativo nesse sentido.

A seção de Jornalismo reúne quatro artigos. O primeiro, Jornalismo, ação racional conforme os fins e os valores, de Virginia Pradelina da Silveira Fonseca, apresenta uma revisão conceitual da instituição do jornalismo como base nas formulações de Weber sobre sociologia e ética, de modo a fundamentar o jornalismo como ação racional. Na sequência, o artigo O sentido das UPPs: a cobertura de O Globo e as políticas de Segurança Pública, de Paulo Roberto Gibaldi Vaz e Pedro Barreto Pereira, examina as reportagens jornalísticas sobre arrastões seguidos de morte em praias cariocas em 2015, de forma a analisar o papel do jornalismo na construção discursiva sobre segurança pública. No artigo Religião no noticiário: marcas de um imaginário exclusivista no jornalismo brasileiro, de Magali Nascimento Cunha, avalia-se a maneira como os diferentes grupos religiosos, com ênfase no catolicismo romano institucionalizado, são representados em noticiários brasileiros. No último, O Instituto da Universidade de Moscou

e os estudos soviéticos de jornalismo dos anos 1920: projeto científico inacabado, de Francisco Rüdiger, apresenta-se um histórico da implantação do que viria a ser a imprensa soviética com a criação de instituições de ensino de jornalismo.

Na seção Cultura, o artigo Práticas Culturais e Ciber culturais: para pensar a relação com as tecnologias, de Nilda Aparecida Jacks, Mariângela Machado Toaldo e Erika Oikawa, parte de uma revisão conceitual de práticas culturais para depois investigar processos de consumo no contexto da cibercultura. Na mesma linha reflexiva se situa o artigo O consumo e a distinção num conto de Lima Barreto, de João Luís Anzanello Carraschoza. Nele, o autor examina a interface entre práticas de consumo e meios de comunicação tal como fora trabalhado na literatura pelo escritor Lima Barreto. Fora do contexto midiático, a seção Imagem publica o artigo Duplo, imagem e reino do simulacro: “William Wilson”, de Edgar Allan Poe, de Maria Cristina Franco Ferraz e Louise Ferreira Carvalho, que conserva como objeto de estudo um conto literário para abordar questões filosóficas da modernidade, tais como a crise da identidade, anteriores às discussões da psicanálise.

Sensível aos acontecimentos que têm abalado o mundo nos trânsitos migratórios, o artigo incluído na seção Política, Crianças de Zuwara: imagens censuradas no Facebook, de Bárbara Heller, Priscila Ferreira Perazzo e Vinicius Souza, compara o destino que a mídia conferiu às fotos: enquanto a do menino turco morto na praia foi reproduzida infinitamente, fotos de cinco crianças turcas também mortas foram censuradas no Facebook.

Na seção Televisão, no artigo 6-7-8 x Periodismo Para Todos: o antagonismo televisionado da Lei de Meios Audiovisuais da Argentina, de João Somma Neto e Eduardo Covalsky Dias, é abordado o conflito entre o governo Kirchner e Grupo Clarín no

contexto da Lei de Meios Audiovisuais em vigor na Argentina, de modo a compreender o que se diz e o que se esconde em programas de emissoras argentinas.

A relação entre filme e estética na composição do filme-ensaio é assunto trabalhado no artigo Cao Guimarães: por uma escrita que se faz enquanto se pensa, de Rafael de Almeida, incluído na Seção Cinema. Nele, traços estilísticos mais recorrentes da obra cinematográfica são caminhos para se refletir sobre implicações políticas da criação.

Finalmente, na Seção Temas Livres, publicou-se o artigo Sentimentos mediados: Sensacionalista produz narrativas de risos e discordâncias sobre o Caso Charlie Hebdo, de Maria das Graças Pinto Coelho, Lídia Raquel Herculano Maia e Afra de Medeiros Soares, que avalia, por meio de pesquisa quantitativa da produção discursiva do site humorístico, a respeito do episódio trágico que envolveu o semanário parisiense em janeiro de 2015.

Cada um desses textos expressa algumas das questões de nosso tempo, estimulando cada vez mais o desejo de manter vivos o diálogo e o compromisso de todos nós com a circulação do conhecimento. Quando a complexa cena política brasileira coloca em risco os mais altos valores de nossa democracia, tudo isso se torna ainda mais relevante. Cumpre-nos a difícil tarefa de contribuir para a expansão crítica do pensamento e do debate que, simplesmente, inexistente sem comunicação.

Boa leitura e uma fértil reflexão a todos!

**Os editores**